

ESTUDOS INGLESES

Ensaio sobre Língua, Literatura e Cultura

Coordenação

de

Gualter Cunha

MINERVA

Coimbra

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LINGUÍSTICAS ENTRE PORTUGAL E A GRÃ-BRETANHA¹

Manuel Gomes da Torre

Há um aspecto das relações luso-britânicas que tem merecido muito pouca ou nenhuma atenção por parte da maioria dos investigadores que, de alguma forma, se têm ocupado dessas relações. Quero referir-me à história do estudo do português por ingleses e do estudo do inglês por portugueses em séculos passados², um assunto que poderá fornecer interessantes indicações como elemento de facilitação e reforço das relações entre Portugal e a Grã-Bretanha, especialmente entre Portugal e a Inglaterra.

Todos sabemos que as relações entre os dois países se perdem no tempo. Basta referir que nas veias dos homens que construíram os monumentos megalíticos ainda hoje observáveis em Stonehenge e Avebury corria, em percentagem indefinível, sangue ibérico; que no longínquo ano de 1117, a pedido de D. Pedro de Pitões, bispo do Porto (cf. Dias & Ferreira: 251), cruzados ingleses que iam a caminho da Terra Santa e que tinham desembarcado na cidade nortenha ajudaram D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa aos mouros. Por isso o primeiro bispo da futura capital portuguesa foi o inglês Gilbert Hastings (cf. Ferreira & Dias: 251).

Dáí em diante, a história começa a registar cada vez mais iniciativas com vista ao estabelecimento de relações da mais diversa natureza entre os dois países. Todavia, tanto quanto se sabe, a língua de comunicação utilizada nesses tempos distantes pelos representantes de ambas as partes era especialmente o francês, que desempenhava então um papel de 'língua franca' para a diplomacia e para os negócios. É sabido, por exemplo, que, já na segunda metade do séc. XIV, as negociações conducentes ao acordo de matrimónio entre D. João I e Filipa de Lencastre foram desenvolvidas em francês.

¹ Este artigo é a forma revista de uma comunicação feita pelo autor no Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho em 13.12.90.

² Neste artigo abordarei apenas factos relativos aos séculos XVII e XVIII.

À medida que a Idade Média se encaminhava para o seu termo e o latim perdia gradualmente o seu longo monopólio como língua da cultura e de comunicação no mundo culto ocidental, os vernáculos, entre eles o inglês e o português, adquiriam um estatuto pleno de maioridade, tornando-se capazes de servir como meios de expressão a toda a gama de actividades, pensamentos e aspirações humanas. Por isso as línguas europeias serviram a grandes escritores que nelas vazaram a sua arte. Foi assim com Lutero (1183-1516), com Montaigne (1533-92), com Cervantes (1517-1616), com Camões (1521-1580) e com Shakespeare (1561-1616), cujas obras passavam as fronteiras em sinal de crescente apreciação.

Neste contexto, não surpreende que as línguas portuguesa e inglesa tivessem começado a usufruir da importância que mereciam no âmbito das relações internacionais, particularmente nos domínios do comércio, e a surgir lado a lado, frequentemente na companhia de outras línguas europeias, em publicações multilingues.

Em 1617, por exemplo, John Minscheu publicou em Londres *The Guide into Tongues*, um dicionário de 11 línguas em que o autor insere o português, em perfeita paridade com o espanhol, o inglês, o francês, etc.¹. Cada entrada em inglês é traduzida para as outras línguas, embora não para todas: algumas são-no para francês, latim, alemão, por exemplo, outras para francês, latim, português, espanhol, etc., numa quase infindável série de combinações.

Alguns anos mais tarde, em 1639, saiu uma outra publicação multilingue, desta vez em Antuérpia, com o seguinte título em latim: *Dictionariolum et colloquia octo linguarum: Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae et Portugallicae*. A edição a que tive acesso, datada de 1662, "vermeedert ende verbetert", dirige-se aos leitores em todas as línguas representadas. Na parte referente ao português lê-se:

"Amigo Leitor, este livro he tão vtil e proveitoso e o vso d'elle tão necessario que seu valor ainda por homes doutos não se pode prezar: porque não hay nenhu em Francia, nem em estes Estados baxos, nem em Espanha nem em Italia, negociando nestas terras cá, que não tenha necessidade d'essas oyto lingoas aqui escritas e declaradas perque en seja que algue entenda em mercaderias ou que elle ande na Corte, ou que siga à guerra, ou caminhe por terras estranhas, haveria por mister hum farante [sic, provavelmente 'falante'] para qualquer destas oyto lingoas" (pp. 9-11).

É difícil imaginar-se até que ponto estas publicações ajudavam os seus leitores a vencerem as barreiras linguísticas. Mesmo assim, elas são importantes como testemunhos da necessidade crescente, sentida ao tempo, de se aprenderem línguas

¹ A 2ª edição, de 1627 não incluía o português, mas continha "English, Low Dutch, High Dutch, French, Italian, Spanish, Latine, Greeke, Hebrew".

estrangeiras, fornecendo-nos igualmente indicações sobre quais dessas línguas se apresentavam como indispensáveis.

De não menor interesse é a informação que poderemos recolher em tais publicações sobre a forma como era encarada a aprendizagem das línguas estrangeiras e sobre os conteúdos das lições. Ainda no *Dictionariolum*, deparamos com uma curiosa recomendação do autor sobre a forma de usar o livro:

"... se não nos vier à proposito aprendello *todo de cor*¹, tomay delle o que vos he mais necessario: o qual facendo, podereys com prazer, & por modo de dizer, brincando, alcançar o conhecimento de muytas lingoages" (pp. 16-7).

Não deixa de ser interessante verificar-se que, numa altura em que o método usado para o ensino das línguas estrangeiras era o da gramática e tradução, o autor nos apresenta – aliás na longa tradição dos "colloquia", i. e. 'diálogos' – uma série de opções de conteúdos eminentemente pragmáticos, correspondentes a situações de comunicação comuns. O primeiro capítulo, por exemplo, "he um convite de dez pessoas, o qual contem muytas commus praticas que se vsão à mesa". O segundo capítulo "serve para comprar e vender", o terceiro "serve para arracadar suas dividas", o quarto "he para perguntar o caminho, com outros propositos commus", o oitavo "he para aprender à fazer cartas mandadeiras, obrigações, quitanças, e contratos" (cf. pp. 23-5).

Tudo isto denota que a motivação maior para a publicação da obra era o interesse que ela poderia merecer por parte daqueles que pretendessem ou precisassem de usar as línguas que nela constam para objectivos comerciais.

Até aqui, no entanto, o português e o inglês surgiam misturados num conjunto de outras línguas, sem merecerem tratamentos claramente específicos. Em muitos casos é mesmo visível uma certa incompetência dos autores, especialmente no que se refere ao correcto emprego da língua portuguesa. Mas a situação vai mudar, sem que tal signifique que a qualidade linguística deixe de merecer reparos, manifestando a Inglaterra interesse pelo estudo do português antes de Portugal se interessar pelo estudo do inglês.

Em 1640 Portugal tinha conseguido libertar-se da dominação filipina. Algo de muito semelhante aconteceu na Inglaterra em 1660 com a restauração da dinastia Stuart, que se seguiu à experiência republicana de Oliver Cromwell, tendo-se Portugal revelado contrário a esta experiência e apoiado a monarquia. Com 20 anos de intervalo as coroas inglesa e portuguesa tinham vivido experiências muito semelhantes. Nada melhor do que o casamento do restaurado Carlos II com a Infanta Catarina de Bragança para se confirmar esta identidade de destinos.

¹ O sublinhado é meu.

O casamento aconteceu em 1662. Nos contactos diplomáticos que conduziram a este enlace, desempenhou um papel muito importante um Dr. Russel, padre católico formado no College of Saints Peter and Paul, um seminário inglês fundado em Lisboa em 1622 e que haveria de ficar popularmente conhecido, durante séculos, por 'Colégio dos Inglesinhos'¹. O Dr. Russel foi enviado pelo rei de Portugal para negociar o casamento, ensinou inglês à Infanta e acompanhou-a à Inglaterra. Foi por este casamento que a Índia passou a fazer parte do império britânico, visto Bombaim fazer parte do dote que Catarina de Bragança levava consigo (Cf. *English College Lisbon*: 10-11).

Uma das primeiras homenagens que a nova rainha recebeu na Inglaterra veio de James Howell através da sua *New English Grammar, prescribing certain Rules as the language will bear, for Forreners to learn English... also another Grammar of the Spanish or Castilian toung with some special remarks upon the Portuguese dialect*. Como era vulgar nesse tempo (e às vezes ainda hoje acontece...), a língua portuguesa era vista como um dialecto ou variedade de castelhano. A gramática de Howell continha material em diálogo e incluía "a perambulation of Spain and Portugal, which may serve for a direction how to travel through both countries". Apesar da promessa feita por Howell, poucos são os elementos de interesse relativos à língua portuguesa. A "perambulation" de que fala é relatada num diálogo entre dois amigos: um que viajou por Espanha e Portugal, o outro interessado em saber coisas sobre os lugares visitados. Quase todas as importantes cidades de Portugal (Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Bragança, entre outras) são referidas e descritas com algum pormenor. Com muito pouco interesse linguístico no tocante ao português, a gramática de Howells tinha importância como fonte de informação turística para os potenciais visitantes que, ao tempo, apontavam já para a autêntica moda das viagens, particularmente popular entre aqueles ingleses que exibiam algum estatuto social digno de nota e que não poderiam dispensar pelo menos um 'grand tour' no seu currículo. Com a reserva aconselhável, e que diz respeito ao facto de uma grande parte da literatura de viagens ser apoiada, frequentemente, em relatos anteriores e não na observação directa dos lugares e dos factos, a obra de Howell merece algum estudo que não cabe nos objectivos destas considerações. Por certo que aquilo que contém sobre a arquitectura, sobre as vias de comunicação, sobre os hábitos e actividades das diferentes localidades tratadas terá interesse para estudos especializados nessas áreas.

No mesmo ano de 1662, uma das pessoas que fazia parte do séquito que acompanhou Catarina de Bragança para Londres publicou *A Portuguese Grammar: or, RULES shewing the True and Perfect way to Learn the said Language. Newly Collected in English and French, for the Use of either of each Nation that desire to*

¹ "It finally closed its doors in 1973" (Williams: 211-2).

Learn the same. O seu autor era um francês, Monsieur De La Molliere, que durante oito anos servira como capitão nos exércitos do rei D. João IV, pai de D. Catarina.

A obra é dedicada a Carlos II e vale a pena ler a dedicatória, tanto pelo pitoresco da linguagem como pelas razões que o Autor aponta como justificativas da sua iniciativa:

Ao muito Alto, e muito Poderoso Principe, CARLO SEGUNDO
Rey da Grã Bretanha, França e Hibérnia, Defensor da Féi.

Senhor,

Todos os que me conhecem se admirarão de duas cousas, a primeira, ver que eu me haja occupado á compor huma obra desta qualidade; não avendo eu nunca outra professão, mais que a Arte de Milicia: A Segunda, ver que eu seia tão atreuido de a offerer a Vossa Majestade, sendo que não se devia apresentar senão Livros excellentes, e doctissimos, toda via Vossa Majestade sabe muito bem que não he a primeira vez que se ha visto muitos valerosos Capitaes, os quoaes não somente são illustrados nas Armas, mas tambem com a pena, he bem verdade, que podera ser que eu serei o primeiro que compus huma gramatica, certo he que se houvesse algum coriozo, que quizesse tomar este trabalho me averia escusado ocuidado, que eu hei tomado em compor esta e sahir com ella a publico, demodo, que parecendome quam necessaria e útil era paraque a Nação Ingleza tivesse noticia da Lengoa *Portugueza* e juntamente pelo que tenho de obrigação aos *Portuguezes* me resolui à sahir com esta obra alus, à huma pela recreação que cuido ter esta Nação *Ingleza*, porque acho que ella he necessaria à dous generos de pessoas. Primeiramente, para todos os Senhores da Corte de Vossa Majestade, epara os que Corteiarem à Serenissima Rainha. E tambem para a Gente do trato, pois El Rey de *Portugal* tem concedido este Privilegio a Nação *Ingleza*, para poder Livremente comtratar em todos os seos Estados; E tenho para mim que a Serenissima Rainha folgara muito mais de ouvir falar a sua natural Lengoa, que a *Castelhana* tão sua Enemiga. E confio tanto da Fidalguia e Cortezia *Ingleza*, que elles farão o possivel para comprazer em tudo a esta Graõ Princeza, que Vossa Majestade tem com tanta Prudencia por sua digna Espoza. Princesa tão Illustre por sangue, perfeita em formosura, bondade, e de tão raro entendimento, que se pode affirmar que em todo o Mundo não se acha Princeza com quem se possa igoalar, e por isso não pretendo alargarme muito em suas alabanças, porque para as relatar seria hum processo infinito, e demais averia mister de huma pena Divina, e não humana para escrever tantas enumerozas perfeições que acompanhaõ esta Illustre Princeza, e posso affirmar a Vossa Majestade. E me posso gloriar, que no tempo que servi a seu Paij o Senhor Rey Dom Joaõ o 4º que Deos

tem da felicissima memoria, em postos muito honrados por espaço de 8 anos, de que me alabo muito, muito, nasço a Serenissima Rainha Dona *Catherina*, a qual de Deos muitos largos Annos de vida e a Vossa Majestade, e me perdoe de offerecer huma obra tão limitada e tão indigna de se apresentar a hum tão Grande Monarcha. A quem offereço humildemente o braço espada, com a qual poderei melhor servir a Vossa Majestade que com a pena Cuja Real pessoa guarde Deus,

De Vossa Majestade,

O major Servidor,

De La Molliere

Devemos destacar nesta dedicatória a facto de o autor entender que, além daqueles que viviam na Corte, também a 'Gente do trato', isto é, os mercadores ingleses, teriam necessidade de aprender português.

Quando se dirige aos leitores, em inglês apenas, o autor refere mais uma vez essa necessidade nos seguintes termos:

"Courteous Reader, Knowing that there be many Persons of Quality which desire to learn the Portugal Tongue, and that they had sent to most Booksellers Shops in the City, to enquire for a Grammar of the said Tongue, which they could never find, therefore I took the Care to compose one for the present; and if I feel it kindly accepted, I will enlarge it much more with variety of familiar Dialogues. I pray you take it not ill, that I do more exactly follow the Portugal then English and French Phrase because I thought it was more fit for the Learner, I should explain word by word the Portugal Tongue, to render it more easie and more intelligible, though you may by it learn the way to decline Nouns and to conjugate the Verbs, and the true Pronunciation of the said Portugal, which you will find more usefull a great deal then the Spanish, in regard that that Person that understands the Portuguez Tongue, can with ease understand the Spanish, whereas the Spaniard doth with great difficulty understand the Portuguez".

Para além da referência curiosa à dificuldade com que os espanhóis compreendiam o português e a facilidade com que os portugueses entendiam a língua espanhola, há a destacar a notícia da procura de gramáticas portuguesas junto dos livreiros londrinos, um facto que, a poder ser tomado como verdadeiro, aponta para o interesse que a nossa língua, já no início da 2ª metade do século XVII, vinha despertando em terras britânicas. Não se deve desprezar a circunstância de a rainha ser portuguesa para a apreciação desse interesse. Mas ele pode também ter-se devido a outras razões, nomeadamente às de natureza comercial.

A gramática de De La Molliere é, toda ela, um diálogo entre o aluno e o mestre. O texto está distribuído por três colunas: a 1ª preenchida pelo português, a 2ª pela tradução em inglês e a 3ª pela tradução em francês. Vejamos um bocado dessa conversa, conforme aparece na p. 5 da gramática sobre o modo de se aprender português. O diálogo decorre entre o mestre (representado por M) e um aluno (representado por S, óbvia abreviatura de 'student'):

" VM, faça-me merce, de dizer-me, em quantos mezes hum homem podera falar a lengoa Portugueza?

M. Se um homem a boa memoria, e que ele tenha conhecimento da lengoa Latina, ou Franceza, em couza de seis meses poderá falar lindamente.

S. Poisque em tam poco tempo se pode aprender esta lengoa, eu quero provar se eo poderei, fazer algum progresso nella.

M. VM fara muito bem, porque he bem feito fazer alguma couza por tirar-se da osiozidade.

S. Ensineme VM, entao o modo que eu hei de ter, por falar e prononsiar bem a lengoa Portugueza.

M. Poisque VM o quer assi, observe VM, que os Portuguezes usaõ de vinte e hum a letra, as quais saõ, a, b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z e prononsiaõ as dittas letras na mesma maneira que fazem os Latims, e os Francezes: Finalmente eu acho que poca, he a differença, e que ella se fala na mesma maneira que ella s'escreve".

Daqui em diante a gramática de De La Molliere toma todas as características das gramáticas daquele tempo. Isto é, os mais variados aspectos de morfologia e sintaxe são inspirados pelos modelos das gramáticas latinas. Por isso é que os nomes são declinados nos seis casos do singular e do plural, no masculino e no feminino. Vejamos, para exemplo, o que vem na p. 12:

"Nome Masculino.

Nominativo, hum Mosso.

Genetivo, d'hum Mosso.

Dativo, a hum Mosso.

Accusativo, hum Mosso.

Vocativo, o Mosso.

Ablat., com hum Mosso,

ou, por hum Mosso.

Plurar.

Nominativo, os Mossos.

Genetivo, dos Mossos.

Dativo, aos Mossos.

Accusativo, os Mossos.

Vocativo, o Mossos.

Ablativo, com os Mossos.

ou, por os Mossos".

Neste tom, são abordados os aspectos principais da gramática portuguesa, com muitos erros pelo meio.

Mas a partir da p. 39 o autor apresenta-nos listas de palavras e frases, com tradução para inglês, sem que se adivinhe o critério a que De La Molliere obedeceu: não há unidade temática, não há ordem alfabética, não há homogeneidade morfológica: há, enfim, uma grande confusão, que só a partir de certa altura começa a receber alguma ordem. De facto, mais adiante, aparecem os dias santos, os dias da semana, os doze meses do ano, os cinco sentidos, etc.

De vez em quando encontramos uma passagem interessante, como a que vem nas pp. 52-51 sobre o modo como as pessoas se devem dirigir umas às outras.

"Quando se fala com esta gente, se distinguão em esta maneira.

Ao Emperador se diz, Vossa Sacra Magestade.

A el'Rey se diz, Vossa Real Magestade: a Rainha o mesmo.

Ao primeiro Filho del Rey se diz, Vossa real Alteza.

A hum Principe, ou a hum Duque, ou a hum General de hum Exercito se diz, Vossa Excelencia: e a suas molheres, o mesmo.

A hum Marques, Conde, Bisconde, ou Baram, se diz, Vossa Senhoria: e a suas molheres o mesmo.

Aos Artifices se diz, Voce.

Aos villaõs e a toda gente baixa se diz, Vos; e a suas molheres o mesmo".

Nas pp. 62-64 há um grande elogio das mulheres portuguesas a propósito da lista dos adereços por elas usados e que acabavam de merecer tratamento através de um lista de palavras:

"Este são os aderessos que as molheres costumaõ trazer em Portugal. Certo é que em aquellas partes as molheres saõ mui formosas, mais que em nenhuma parte da Europa; eu o posso afirmar, porque eu ha tenho vista e frequentada toda. De mais

ellas são mui avizadas, entendidas, e discretas: ellas são mui afeçoadas a Musica, cantão por exelencia, specialmente as freiras: ellas amam muito a bailar a tanger a Viola, e sonar Castanhetas: vão pocas vezes a pasear, por rasaõ que a terra he demaziada quente; a major parte dellas amam mais hum Mosteiro, que hum Marido; este he a rasaõ pela qual se acha tantos Mosteiros, e tantos recolhimentos. Estes recolhimentos servem da recolher quantidade de molheres viouvas honradas, e de moças solteiras as quais podem cazar se lhe vem em vontade; porem naõ vão nunca fora, e são governadas por huma Superiora..."

É difícil acreditar-se que uma gramática desta natureza, com os inúmeros erros que a caracterizam, pudesse contribuir alguma coisa para a aprendizagem da língua portuguesa na Inglaterra. Apesar disso o tom gramatical, as atitudes metodológicas que se adivinham por detrás de tudo isto, as listas de palavras, a promessa dos diálogos familiares eram em tudo semelhantes aos de todas as outras gramáticas que até então se tinham publicado para ensino das línguas estrangeiras. O método cultivado era o da memorização de regras de gramática e de longas listas de palavras. Também, como em outras gramáticas semelhantes, não se encontra qualquer alusão à tradução. Com todos os seus defeitos, De La Molliere estava bem informado e revela-se um gramático típico do seu tempo.

Em 1701, da autoria de A.J., foi publicada em Londres mais uma obra de muito interesse para a história dos estudos portugueses na Inglaterra. Chamava-se *A Compleat Account of the Portugeuze Language Being a copious Dictionary of English with Portuguese, and Portugeuze with English. Together with an Easie and Unerring Method of its pronounciation, by a distinguishing Accent, and a Compendium of all the necessary Rules of Construction and Orthography digested into a Gramatical Form...*

Convém sublinhar a parte inovadora desta obra, que consiste no dicionário ou, melhor dizendo, nos dicionários, visto que contém um de Português-Inglês e outro de Inglês-Português.

Tanto quanto me tem sido dado averiguar através de alguma pesquisa dedicada ao assunto, trata-se dos primeiros dicionários dignos desse nome especificamente elaborados para as línguas portuguesa e inglesa.

De certo modo, eles são uma forma mais desenvolvida e devidamente organizada das listas de palavras que apareciam na gramática de De La Molliere e dos dicionários plurilingues a que já fiz referência. Os dicionários têm razoável extensão

e apresentam-se com uma organização interna muito próxima daquilo que são os dicionários dos nossos dias. Uma curiosidade: as páginas não são numeradas¹.

A parte correspondente a *a Compendium of all the necessary Rules of Construction and Orthography digested into a Grammatical Form* era mais uma *Grammatica Anglo-Lusitanica* destinada aos ingleses interessados no estudo da nossa língua. Embora não se afastando muito do tom ociosamente gramaticista que caracterizava as gramáticas da época, A. J. eliminou alguns dos seus aspectos mais caricatos. Por exemplo, não perde tempo com a declinação dos nomes e oferece, em seu lugar, uma regra simples para a formação do plural. Uma passagem curiosa é a que se debruça sobre os nomes de família portugueses:

"The Families in Portugal are numerous, and most of them without Signification, v. g. Souza², Brito, Menézes, Távora, Magalhães, &c. Some there are that are derived from Plants; as Peréyra, a Pear-tree; Olivéyra, an Olive-tree; Noguéyra, a Walnut-tree; Figuéyra, a Fig-tree, &c. and others take their Names from Animals; as Sardínha, a Pilchard; Bacalháo, poor Jack; Cavallo, a Horse; Bezérro, a Calf; Toúro, A Bull, &c."³.

Esta gramática de A.J. deve ter conhecido relativo sucesso, pois, logo no ano seguinte (i. e., em 1702) conheceu um nova edição, que apareceu em Londres, mas agora em volume próprio. E em 1705 conheceu uma edição portuguesa, saída em Lisboa, sem qualquer referência ao seu autor e sob o título *Grammatica Anglo-Lusitanica: Or a Short and Compendious System of an English and Portuguese Grammar...*

As edições de 1701 e de 1702 aparecem assinadas apenas pelas iniciais A. J., deixando-nos grandes dúvidas sobre a identidade do autor e sobre a sua nacionalidade e origem. Do que parece não haver dúvidas é de que A. J. queria manter-se anónimo, por razões desconhecidas, mas certamente bastante fortes. Por isso é tentador especular-se sobre quem terá sido o homem que um dia tomou a iniciativa de contribuir à sua maneira para uma melhor compreensão e, desse modo, para o reforço das relações entre portugueses e ingleses.

Há mais de sessenta anos, um professor da Faculdade de Letras do Porto, Luís Cardim, adiantou a hipótese de A. J. ser abreviatura de *A Jesuit*, mas abandonou-a um pouco mais tarde, substituindo-a por outra que me parece mais plausível. Segundo ele, o verdadeiro autor poderá ter sido um sacerdote formado em

1 Bem vistas as coisas, a numeração das páginas de um dicionário é perfeitamente dispensável, pois nós olhamos para a sequência alfabética das entradas sem nunca olharmos para os números das páginas.

2 Os acentos agudos são intencionalmente usados por A. J. e destinam-se a facilitar a pronúncia aos aprendentes de português.

3 Na 7ª página da gramática.

Lisboa no Colégio dos Inglesinhos, o tal seminário católico fundado em 1622 por católicos britânicos¹.

Que o autor não é português apercebe-se com alguma clareza pela leitura de algumas passagens da introdução "To the Reader", havendo mesmo algumas linhas que nos permitem considerá-lo britânico. Eis duas dessas passagens:

"And since the English correspondence in Trade with the Kingdom of Portugal, hath been for those many Years, and it is at this time so very considerable, and *our* Navigation to all those Parts where *that* Nation hath yet in *their* Possession".

[...]

"It is well known how uneasie the due Pronunciation of the Modern Tongues is to *our Northern climates*"².

As palavras em *itálico*, entre muitas outras do mesmo teor que se encontram no mesmo texto, parecem indicar que o autor era britânico, um primeiro passo a caminho da identificação. Mas muito mais terá ainda de ser descoberto.

Tenho dedicado algum estudo a tentar descobrir a verdadeira identidade de A. J., especialmente desde o momento em que, há alguns anos, encontrei, com justificável surpresa, uma nova hipótese no catálogo geral da British Library. Na ficha relativa a A. J., havia, entre parênteses, com um ponto de interrogação, o completamento manuscrito do nome para J[ustice?] A[lexander]. Procurando em Alexander Justice, verifiquei que a obra lhe era atribuída, ainda sob a dúvida indiciada pelo ponto de interrogação.

Posteriormente, tive oportunidade de ler a obra de Alexander Justice, que, de facto, escreveu no início do século XVIII sobre comércio internacional, câmbios e moedas e direito do mar. E aquilo que encontrei nos seus escritos foi uma grande ignorância relativamente ao nosso país, nomeadamente a propósito de algumas palavras portuguesas referentes a pesos e medidas que ele teve que usar nos seus livros. Tal ignorância inviabiliza a hipótese de ele ter podido escrever dicionários e uma gramática sobre o português, como procurei demonstrar noutra oportunidade (cf. Torre 1990). A hipótese adiantada por Luiz Cardim continua, portanto, de pé e precisa de ser confirmada.

Até agora, i. e. até 1705, as gramáticas surgidas visam a aprendizagem do português por ingleses, embora fosse corrente considerar as gramáticas dessa época

¹ Cardim discute ainda mais hipóteses, como a que Camilo Castello Branco adianta, segundo a qual o dicionário seria da autoria de Raphael Bluteau (cf. Cardim 1929).

² Os sublinhados são meus.

como bivalentes, i. e. úteis para a aprendizagem das duas línguas utilizadas nos livros¹.

Segundo Howatt (p. 66), "Portugal mostrou interesse pelo inglês antes da Espanha, provavelmente devido à sua condição de 'nosso mais antigo aliado' com *Grammatica Anglo-Lusitanica*, uma gramática dupla de Jacob de Castro, publicada em Londres em 1731". Só tive acesso à primeira edição portuguesa, publicada em Lisboa em 1777. Dirigindo-se ao leitor Castro escreve que

"Sendo várias as razões que mostram ser esta Obra util, e necessaria, não farei mais que advertir, que he de summa importancia para o Homem de Negocio, e que servirá de entretenimento, e recreio ao curioso Estudante" (p. ii).

De novo é o comércio que motiva os gramáticos. Para o homem de negócios a gramática oferece apoio através de modelos bilingues de cartas comerciais, de procurações, de "Instrumento de Fretamento" de apólice de seguros, de letras de câmbio e respectivo protesto, várias formas de recibos, etc. Também estes modelos de documentos poderão revestir-se de interesse para os estudiosos, na medida em que fazem referência às mercadorias transaccionadas na altura e respectivos preços, à maneira de negociar e de transportar tais mercadorias, etc. No entanto, as primeiras palavras do Cap. I devem ter sido pouco encorajadoras para os seus leitores. São as seguintes:

"Os inglezes não sómente escrevem de hum modo, e lem de outro, mas tambem não fallam como lem, ou escrevem" (p. 1).

Uma das facetas interessantes desta gramática, aliás comum a quase todas aquelas que se publicaram no século XVIII e em grande parte de século XIX, é representada pelos diálogos. Aí se encontram referências aos hábitos da época relativos às actividades sociais mais comuns, tais como refeições, hospedarias, viagens, vestuário, etc. No entanto, esses 'diálogos familiares' repetem-se, em muitos casos *ipsis verbis*, de gramática para gramática, dando-nos uma ideia sobre a naturalidade com que se plagiavam obras congêneres publicadas no estrangeiro. Há disso prova na gramática de Jacob de Castro, concretamente no diálogo IV, onde se lê:

¹ A esta luz, não se deve ignorar a circunstância de todos os exemplos ilustrativos das regras de gramática, bem como as listas de vocabulários, as frases e os diálogos familiares, os modelos de cartas e de documentos aparecerem sempre nas duas línguas, lado a lado.

'What say you of this Country?'
'It is the finest Country in the World'.
'Have you been at Venice?'
'Yes, Madam, it is a fine City'.
'Can you speak Italian?'
'I understand better than I speak'.

Passagens como esta apontam para a hipótese de Jacob de Castro ter ido copiar o diálogo a uma gramática italiana destinada ao estudo do inglês, talvez à *Grammatica Inglese per gl'Italiani*, publicada em Livorno em 1728 por Ferdinando Altieri, que era professor de italiano em Londres (cf. Howatt: 65). Ora Jacob de Castro era um judeu português que também vivia em Londres como exilado, não sendo de excluir a hipótese de ser mesmo o médico Jacob de Castro Sarmiento, que se tornou muito conhecido através da "invenção" da milagrosa "água de Inglaterra", que vendia para Portugal, e que chegou a ser professor de medicina na Universidade de Aberdeen¹. É muito natural que Jacob de Castro tenha tido acesso à gramática italiana e dela se tenha servido para fazer algo de semelhante destinado aos portugueses. Esqueceu-se, porém, de proceder às adaptações necessárias e, em consequência, surge na sua gramática a referência a Veneza, percebendo-se que o diálogo se passa na Itália. Esse cenário compreende-se mal numa gramática de inglês para portugueses.

A primeira gramática inglesa publicada em Portugal foi a *Grammatica Ingleza ordenada em portuguez...*, da autoria de Carlos Bernardo da Silva Teles de Menezes, saída em Lisboa em 1762. Dirigindo-se aos leitores, o autor começa por dizer-lhes que

"A Lingua Ingleza, que até os fins do seculo passado era naõ sómente desconhecida dos estrangeiros, mas desprezada dos seus proprios naturaes, se acha oje taõ polida, e taõ abundante por beneficio dos grandes Autores que nela tem escrito desde o principio do seculo presente, que merece ser entendida por todos, para se utilizarem dos excelentes originaes que nela se achaõ impressos".

Logo a seguir acrescenta:

"Mas o estímulo daquela utilidade, que deve estenderse geralmente a todas as nações cultas, tem força especial para com a nação Portuguesa. He taõ intima a aliança, taõ travado o comercio, e taõ familiar a comunicação entre os Inglezes, e nós, que parece indisculpavel inercia naõ nos ter até aqui picado a curiosidade de saber a lingua que fala uma gente que temos taõ dentro de caza. E tendo sahido entre nós, tantas gramaticas de outras linguas, que nos devem ser mais indiferentes, ainda até

¹ Sobre Jacob de Castro Sarmiento, ver Barbosa Machado, tomo II: 469-71.

agora não sahisse em portuguez alguma a que se possa chamar Gramatica da lingua Ingleza.

Naõ sucede aos Inglezes assim com a nossa. No seu idioma tem diferentes Gramaticas da lingua Portugueza; quase todos a aprendem, especialmente aqueles (e he a mayor parte da naçaõ) que se applicaõ ao comercio".

Há natural exagero nas palavras de Teles de Menezes no que diz respeito ao interesse dos ingleses pela nossa língua, mas está perfeitamente correcta a forma como justifica a sua iniciativa. É o primeiro gramático que não endereça o seu trabalho apenas aos homens de negócios, apontando, prioritariamente, para a riqueza cultural a que a língua inglesa dava expressão. O modo como concretizou o seu projecto granjeou-lhe crítica muito favorável¹.

A obra divide-se em três partes: a primeira é preenchida pela gramática teórica; a segunda apresenta listas de vocabulário organizadas por temas (e.g. 'grãos de parentesco / degrees of kindred', 'dignidades temporaes / temporal dignities', 'Dos metaes / of metals' etc.); e a última parte contém 43 diálogos familiares, que abrangem uma quantidade de aspectos.

Seis anos após a publicação desta gramática, um alentejano, 'teacher of the Portuguese and Italian languages' em Londres, que assina como Anthony Vieyra Transtagano, publica, na capital inglesa, *A New Portuguese Grammar*. Transtagano parece ter sido perseguido pela Inquisição e, por essa razão, foi refugiar-se na Grã-Bretanha. Segundo Inocêncio, Transtagano dedicou-se, na Irlanda, ao ensino "na qualidade de Professor Regio das linguas ingleza, hespanhola, italiana, arabia e persa, no Collegio da Sanctissima Trindade", de Dublin (cf. Inocêncio, Tomo I: 295). Cinco anos mais tarde, em 1773, publicou *A Dictionary of the Portuguese and English Languages, in Two Parts; Portuguese and English and English and Portuguese*. Tanto a gramática como os dicionários de Transtagano conheceram diversas edições e foram muito usados, especialmente os dicionários, que duraram até finais do séc. XIX. Apesar disso, a gramática mantinha quase todas as características das gramáticas primitivas, com uma grande dose de gramática teórica e uma parte prática sob a forma de diálogos familiares. A maioria desses diálogos era copiada de gramáticas mais antigas. Alguns coincidem, literalmente, com os diálogos da gramática que A. J. publicara em 1701.

A justificação do dicionário baseia-se na importância dos escritores ingleses, nos dilatados domínios britânicos, no florescente comércio e nas gloriosas façanhas de guerra dos mesmos britânicos. Considerava, por tudo isso, "que o estudo da lingua Ingleza, com summa razaõ, se julga utilissimo ao estudante nos seus progressos, ao

¹ Ver *Gazeta Literaria*, de Março de 1762.

viandante nas suas peregrinações e ao mercador nos seus negócios". Saber inglês seria para os mercadores escarmentados uma forma de evitarem o "grave prejuízo, que recebiao no tratar dos seus negocios por meyo de linguas ou interpretes".

Antes de o século XVIII terminar, mais duas gramáticas inglesas foram postas à disposição dos portugueses interessados em aprenderem inglês. Uma, da autoria de Agostinho Neri da Silva, um diplomata (cf. Inocêncio, tomo I: 21), e intitulada *Nova Grammatica da Lingua Ingleza*, foi publicada em Lisboa em 1779. Pouca coisa a distingue das suas congéneres precedentes: apenas um 1 coleção de provérbios ingleses acompanhados dos seus correspondentes portugueses, não sob a forma de tradução literal, como era usual, mas como equivalentes; e algumas orações com versões nas duas línguas. Esta gramática de Neri da Silva, conheceu várias edições – algumas delas alteradas – até à segunda década do século XIX.

A outra gramática que merece ser referida foi publicada em Lisboa em 1793 e é da autoria de André Jacob, "professor aprovado da Lingua Ingleza". Intitula-se *Grammatica Portugueza, e Ingleza*. Embora o autor escreva que por meio do seu método em pouco tempo se adquirirá o conhecimento da língua que, "depois da nacional, nenhuma outra se deve estudar nem primeiro, nem com mais cuidado" porque "ella he a Lingua das idéas [...]. He a lingua da Filosofia, porque he a dos seus restauradores, he a dos Bacons, he a dos Newtons, dos Lockes, he em fim a dos Popes, a dos Miltons" (pp. 4-5), na realidade, trata-se de um livro massudo, de pouco menos de 400 páginas, sem outra coisa que não sejam exaustivas regras gramaticais e excepções, nem sequer apresentando os repetidos, mas sempre interessantes, diálogos familiares.

Os finais do século XVIII, não obstante a discutível qualidade da maioria das obras que aqui referi, registavam um interesse crescente e recíproco de ingleses e portugueses pela aprendizagem das duas línguas. Esse interesse vai crescer no século XIX, embora os processos didácticos e os livros de ensino, incluindo as gramáticas, continuassem agarrados aos processos mais retrógados – não raro agravados em comparação com o que se fazia no século XVIII – do ensino das línguas.

O mundo crescia, os contactos entre Portugal e a Inglaterra intensificavam-se e, embora de uma forma muito limitada e muito peculiar, as gramáticas ainda nos podem fornecer esclarecimentos curiosos, eventualmente preciosos, sobre os modos de vida desse tempo já longínquo.

Bibliografia

- Actas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*, Porto: Instituto de Estudos Ingleses, Faculdade de Letras do Porto. 1988.
- CARDIM, Luiz 1922. "Some notes on the Portuguese-English and English-Portuguese grammars to 1830". Porto: A Tribuna (Separata da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 5-6).
- CARDIM, Luiz 1929. *Estudos de Literatura e Linguística*. Porto: Faculdade de Letras.
- CARDIM, Luiz 1931. "Gramáticas Anglo-Castelhanas e Castelhana-Ânglicas (1586-1828). Coimbra: Imprensa da Universidade. Separata de *O Instituto* 81/2.
- CASTRO, Jacob de 1777. *Grammatica Lusitano-Anglica, ou Portugueza, e Ingleza, a qual serve para instruir aos Portuguezes no Idioma Inglez*; composta por... Lisboa: Na Offic. de Manoel Coelho Amado.
- DIAS, Geraldo J. Amadeu Coelho & Ferreira, Maria Isabel Rodrigues, 1988. "Ingleses no Porto setecentista e proselitismo católico", in *Actas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*: 251-73.
- Dictionariolum et colloquia octo linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, & Portugallicae*. Lasten Druck van Nieuws vermeedert ende verbeteret. Antwerpen; By Hendrick Aertssens. Anno M.DC.LXII.
- English College Lisbon*. Illustrations from original pencil drawings by W. Haeburn-Little. Lisboa: Bertrand Irmãos, Lda. [1913?].
- HOWATT, A. P. R. 1981. *A History of English Language Teaching*. London: Oxford University Press.
- HOWELL, James 1662. *New English Grammar, prescribing certain Rules as the language will bear, for Forreners to learn English... also another Grammar of the Spanish or Castilian toung with some special remarks upon the Portuguese dialect*. London: for T. Williams.
- J., A. 1701. *A Compleat Account of the Portugueze Language. Being a Copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English. Together with an Easie and Unerring Method of its pronunciation [...] into a Grammatical Form*. London: Printed by R. Janeway for the Author, M.DCCI.
- [J., A.] 1705. *Grammatica Anglo-Lusitanica: Or a Short and Compendious System of an English and Portugueze Grammar*. Containing All the most Useful and Necessary Rules of the Syntax, and Construction of the Portugueze Tongue. Together with some Useful Dialogues and Colloquies, agreeable to common Conversation. With a Vocabulary of Useful Words in English and Portugueze.

Designed for, and fitted to all Capacities, and more especially such whose Chance or Business may lead them into any part of the World, where that Language is used or esteemed. Lisboa: No Officina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio. Anno de 1705.

JACOB, André 1793. *Grammatica Portugueza, e Ingleza* Por hum methodo novo, e facil com regras fundamentaes para a pronunciação, e para o proprio uso, e applicação das partes da Oração, que facilita muito o progresso dos principiantes, e guia os que já tiverem luzes desta Lingua. Offerecida ao III^{mo.}, e Ex.^{mo.} Sr. D. Antonio de Castello Branco Correia e Cunha Vasconcelos, e Souza, Conde de Pombeiro, &c. &c. &c. Por... Professor aprovado da Lingua Ingleza. Lisboa: Na Typografia Nunesiana.

MENEZES, Carlos Bernardo da Silva Teles de 1762. *Grammatica Ingleza ordenada em portuguez, na qual se explicaõ clara, e brevemente as regras fundamentaes, e as mais proprias para falar puramente aquela lingua, composta, e dedicada à Magestade fidelissima de Elrey Dom Jozé o I. nosso Senhor* por... Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Ec. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

MINSHEU, John 1617. *THE GUIDE INTO THE TONGUES. With their agreement and consent one with another, as also their Etymologies, that is, the Reasons and Deriuations of all the most part of wordes, in these eleuen languages, viz.* 1. English. 2. British or Welsh. 3. Low Dutch. 4. High Dutch. 5. French. 6. Italian. 7. Spanish. 8. Portuguez. 9. Latin. 10. Greeke. 11. Hebrew, &c. Which are so laid together (*for the helpe of memory*) that any one with ease and facilitie, *may not only remember* 4. 5. or more of these Languages laid together, *but also by their Etymologies vnder the Name know the Nature, Propertie, Condition, Effect, Matter, Forme, Fashion or End of things therevnder contayned, differing from all other Dictionaries euer heretofore set forth.* Also the *Exposition of the Termes of the Lawes of this Land*, drawne from their originall *the saxon and Norman tongues*, with the description of the *Magistracies, Offices, and Officers, and Titles of Dignities*, noted with this hand throughout the whole booke. A worke for all Louers of any kinde of Learning, *most pleasant and profitable*, especially for those of our owne Nation, when by order of the *English Alphabet*, they may finde out 10. *other Tongues*, with their *Etymologies*, most helpful to *Memory*, to *Speake* or *Write*, then to *Strangers*, if they will draw out of these *one or more Languages*, and place them *in order of Alphabet and Table*, and referre them by figures into this Booke, as *they shall best like of*. By the Industrie, Studie, Labour, and at the charges of *John Minsheu* Published and Printed. Anno 1617.

Cum Gratia & Priuilegio Regiæ Maiestatis, & vendibles extant LONDINI, apud IOANNEM BROWNE Bibliopolam in vico vocato littis Brittainæ. And are to be sold at IOHN BROWNES shop a Book-Seller in Little Brittainæ in London.

MOLIERE, Monsieur de la 1662. *A Portuguez Grammar: Or, Rules shewing the True and Perfect way to Learn the said Language.* Newly collected in English and French, for the Use of either of each Nation that desire to Learn the same. By..., a French Gentleman. London, Printed by Da. Maxwell for Samuel Broun, at the Signe of the Queens Arms, by the Little North-Door of Saint Pauls Church.

SILVA, Agostinho Neri da 1779. *Nova Grammatica da Lingua Ingleza, ou a arte de fallar, e escrever com propriedade, e correcção o idioma inglez,* offerecido á Augusta, e Fidelissima Magestade Delrei D. Pedro III, nosso senhor, composta por... Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

TORRE, M. Gomes da 1990. "Quem foi o autor de *A Compleat Account?*", in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Línguas e Literaturas, II Série, Vol. VII, pp. 211-21.

TRANSTAGANO, Antonio Vieyra 1791. *A Dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts; Portuguese and English, and English and Portuguese [...].* A new edition carefully revised and improved. London. printed for F. Wingrave, Successor to Mr. Nourse; J. Johnson; J. Sewel, W. Richardson; R. Faulder; G. and T. Wilkie; H. Murray. M.DCC.XLIV.

TRANSTAGANO, Antonio Vieyra 1791. *A new Portuguese Grammar in Four Parts [...].* The third edition. London: Printed for F. Wingrave, Successor to Mr. Nourse, in the Strand. M.DCC.XCIV.

WILLIAMS, Michael 1988. "Os inglesinhos de Lisboa", in *Actas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*: 211-9.